

CRIANÇAS QUE PASSARAM PELO PROCESSO DE LUTO: UM ESTUDO A PARTIR DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

CHILDREN WHO PASSED THROUGH THE GRIEF PROCESS: A STUDY BASED ON DEVELOPMENTAL PSYCHOLOGY

LIMA, Abigail Rodrigues da Silva¹; SILVA, Edilane Ribeiro²; LIMA, Gabrielle Fernandez Barbado³; SILVA, Jéssika Camilla Lima⁴.

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é ressaltar a importância do processo de luto infantil, a partir de uma visão mais humanizada e consciente, para que o processo em si seja elaborado pela criança. Para isso, é importante que haja o processo de conscientização da família em relação à criança, com o intuito de evitar traumas, sequelas ou problemas futuros, para que ela possa elaborar e lidar com o luto. Além disso, toda a sociedade deveria estar atenta, agindo de forma esclarecedora, sem idealizações ou explicações fantasiosas para com a criança que está vivenciando esta perda. Para tanto, foi feita uma pesquisa de método de pesquisa teórica e de campo onde o principal intuito foi abranger como o luto é trabalhado e como ele é informado a esta criança, onde foi elaborado um questionário semiestruturado. No resultado obtido através da pesquisa, pode-se concluir que é de suma importância falar de maneira clara e objetiva sobre a morte para com a criança, fazendo, assim, com que ela esteja ciente e possa elaborar esse processo de luto de forma que não traga prejuízos psicológicos futuros.

Palavras-chave: Luto. Luto infantil. Infância. Família. Psicologia do desenvolvimento.

ABSTRACT

The general objective of this work is to emphasize the importance of the child mourning process, from a more humanized and conscious view, so that the process itself is elaborated by the child. For this, it is important that there is a process of family awareness in relation to the child, in order to avoid trauma, sequels or future problems, so that the child can elaborate and deal with grief. In addition, the whole of society should be attentive, acting in an enlightening way, without idealizations or fanciful explanations for the child who is experiencing this loss. For that, a research of theoretical and field research method was carried out where the main intention was to cover how mourning is worked and how it is informed to this child, where a semi-structured questionnaire was elaborated. In the result obtained through the research, it can be concluded that it is of paramount importance to speak clearly and objectively about death with the child, thus making them aware and able to elaborate this grieving process in a way that does not bring future psychological harm.

Keywords: *Grief. Childhood grief. Childhood. Family. Developmental psychology.*

¹ Graduanda em Psicologia. FacUnicamps. *Email:* rodriguesabigail69@gmail.com

² Graduanda em Psicologia. FacUnicamps. *Email:* dillaribeiro3132@gmail.com

³ Graduanda em Psicologia. FacUnicamps. *Email:* gabriellefernandez62@gmail.com

⁴ Graduanda em Psicologia. FacUnicamps. *Email:* jessikacls@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Observando o cenário e a forma de demonstrar a importância da elaboração do luto, esse processo apresenta-se como algo primordial, que faz parte da vida do ser humano, e a sociedade, de modo geral, compreende que a criança mesmo se apresentando como um ser em desenvolvimento e de ideias fantasiosas alcança aquilo que transcorre ao seu redor, essa elaboração trará consigo a percepção de como o adulto conseguirá dizer a criança o que houve, e a subjetividade marca esse processo (SANTOS; MUNER, 2020).

Pois, apesar de ser considerado um ser em desenvolvimento, é necessário que a criança passe por todas as fases, incluindo as perdas que ela terá no decorrer da sua vida. Desde o começo a criança, mesmo que inconsciente, reconhece a morte, pois é um acontecimento que fará parte de toda a sua vida, sua dificuldade algumas vezes é nomeá-la e cabe aos adultos auxiliar nessa tarefa (OLIVEIRA, 2001).

Para a criança, perder alguém que era o seu alicerce traz consigo muitas inseguranças e medos quanto ao papel que esta pessoa cumpria em sua vida, pois ela se vê com o sentimento de desamparo e impotência frente a perda, frente a perda dessa pessoa que era importante para o seu seio familiar. A elaboração do luto das crianças pode ocorrer com conversas, esclarecimentos abertos, apoio e empatia, conforme apresenta Santos e Muner (2020).

Segundo Aciole e Bergamo (2019), é importante levar em consideração os valores, a cultura e o modo de criação da família em que essa criança está inserida, para que se possa compreender como será essa vivência do processo de luto, tanto para ela quanto para os seus atuais responsáveis. Desse modo, as crianças possuem um modelo próprio de elaboração do luto, pois ele possui características específicas, levando em consideração que a criança está estruturando a sua personalidade.

Nesse momento, há o questionamento sobre qual seria a melhor forma de comunicar a morte à criança, e com isso, surgem aspectos para serem levadas em consideração como: cultura, acesso à informação e questões socioeconômica, dentre outros. O que nos leva a perguntar: Luto infantil, de que forma o luto deve ser apresentado para a criança, visando facilitar a elaboração do mesmo, e evitando maiores danos em seu desenvolvimento emocional, e quais são as estratégias mais eficazes para apoiá-las nesse processo?

Esse tema foi escolhido pela importância de se conhecer os processos que as crianças vivem em seu momento de perda, como essa comunicação deve ser feita, de que forma os adultos podem abordar estes assuntos com suas crianças. A vida é cheia de fases, e uma fase importante, que todos podem vir a vivenciar é o processo de luto, nesta pesquisa, abrangearemos essa temática, porque existe, ainda hoje, um grande tabu acerca da morte.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Luto

Em geral, o homem tem poucas certezas durante a sua vivência, e uma delas é a finitude da sua vida, e mesmo tendo certeza desse processo, é inevitável passar por essa perda, isso pode ser decorrente de vários fatores, entre eles são as ligações criadas com seus estimados que partem, e tal ligação é forte o bastante a ponto de gerar sofrimento para quem fica, tal processo em alguns casos foge da realidade e até aprisiona esta pessoa ao processo do luto, como pode-se confirmar na escrita de Eliane Mendlowicz:

O processo de luto, por sua vez, se realiza através do teste de realidade, que ao evidenciar reiteradamente que o objeto não mais existe, exige que a libido se desprendia do objeto perdido. Entretanto, sublinha que esta exigência não é fácil de ser cumprida. As pessoas tendem a se agarrar insistentemente a seus investimentos libidinosos e não abrem mão de suas ligações mesmo quando outro objeto se apresenta a elas. Afirma, como já observamos, que quando essa oposição é muito forte pode ocorrer um aprisionamento intenso no objeto, a ponto de se instalar uma psicose desejosa alucinatória, resultado de um total fracasso do juízo de realidade (MENDLOWICZ, 2000, p. 88)

E o processo de luto mal elaborado, fantasioso e fora da realidade pode trazer algumas consequências difíceis para a fase adulta, como traumas, apesar de alguns indivíduos terem clareza sobre a importância de passar por esse processo de forma menos traumática possível, ainda resta a dúvida sobre a morte devido ao mistério envolvido no processo, por não saber para onde o ente querido está indo e como será a nova permanência nesse ambiente, ou se a vida acaba no momento da morte do corpo físico, segundo Eliane Mendlowicz (2000).

Não há maneira padrão de viver esse processo de luto, cada ser é individual, único, carregado de bagagens que são decorrentes de suas ligações, vivências familiares e sociais, culturais, características pessoais, personalidade, e por esse motivo o luto é único em cada ser e não deve ser considerado doença, patologia ou trauma, é um período de tristeza, podendo evoluir para um estado mais profundo, que deve ser vivido e elaborado, esses sentimentos devem ser considerados parte do processo, sem reprimir a perda, ou o processo, com a

finalidade de que o indivíduo volte a ter interesse em coisas rotineiras, como: trabalho, estudo, relações, lazer, entre outros, como relatado abaixo:

O luto é vivenciado de maneira singular; não existe um padrão de reação; há variações em intensidade e duração, influenciadas por fatores como o contexto da morte e as características do enlutado. Por isto, é necessário não interpretar como patológicas, reações que são naturais. Para que o apoio ao indivíduo enlutado possa ser efetivo e para que equívocos sejam evitados, é necessário considerar as culturas, as crenças, os contextos e as dinâmicas dos relacionamentos familiares, bem como identificar fatores que possam prejudicar o enfrentamento do luto, como a não manifestação dos sentimentos, o adiamento do processo ou a negação da perda (ACIOLE; BERGAMO, 2019, p. 2).

2.2. O Luto infantil

A terapia mais indicada para auxiliar as crianças a passarem pelo processo de luto, se chama “Ludoterapia”, onde utilizam-se aspectos e meios naturais para facilitar a comunicação, a criança consegue se expressar através das brincadeiras e trazer em pauta seus conflitos e emoções, é através desse brincar que existe a maior possibilidade do autodesenvolvimento desta demanda delicada, como a morte de ente querido. A Ludoterapia tem origem na Psicanálise e se desenvolveu com importantes teóricos que trabalhavam com crianças ao longo do tempo (COLOVINI; BERTOLINI, 2013).

Kovács (1992) diz que a questão da origem da vida e da morte está presente na criança, principalmente no que concerne à separação definitiva do corpo, as crianças têm uma boa capacidade de observação, então elas percebem quando o adulto está de alguma forma evitando um assunto ou escondendo algo, mesmo que seja para sua fantasiosa proteção. Ao não falar, o adulto acredita que isto seja melhor para a criança, e para evitar dor e desamparo, porém isso ocorre exatamente ao contrário, trazendo inseguranças e muitas dúvidas (KOVÁCS, 1992).

Quando se perde alguém de grande importância, enfrenta-se uma das coisas que são inevitáveis no processo natural da vida: o luto. A psiquiatra suíço-americana Kübler-Ross (1996) define o luto como o processo que se inicia com uma perda e vai até sua elaboração, quando o indivíduo enlutado volta, novamente, ao mundo externo, é um período de recolhimento em si, uma experiência emocional profunda e individual, definida pela capacidade de lidar com perdas.

Conforme estudos de Kovács :

Para que o processo de luto possa ocorrer, é necessário realizar um trabalho de desidentificação e desinvestimento de energia, que permita a introjeção do objeto perdido na forma de lembranças, palavras e atos, e a possibilidade de investir a energia em outro objeto. Quando a criança não consegue se desidentificar, e quando ocorre sentimento de culpa por se sentir responsável pela morte do outro, como resultado de seus impulsos destrutivos, pode surgir o desejo ou a necessidade de se reunir com a pessoa perdida, como forma de reparar os seus erros ou como necessidade de punição. (RAIMBAULT, 1979 *apud* KOVÁCS, 1992, p. 49).

Testemunhar a morte faz parte da vida e faz parte da nossa existência. A única certeza que temos é a provocação de desamparo, fragilidade das pessoas e tristeza. A difícil realidade da separação e aprender a viver em um mundo sem pessoas específicas. A dor surge como resultado dessa separação e este é um processo dinâmico e multidimensional pelo qual os indivíduos passam quando perdem algo importante, segundo a autora Kovács (1992) que fez um estudo sobre luto.

Todos esses sintomas de sentimentos, questionamentos e expressões estão associados a perdas. A morte também afeta as crianças, mas, é um conceito complexo de entender, pois tem como premissa o enfrentamento da própria finitude e sujeito, costuma-se evitá-lo, especialmente quando a conversa está acontecendo com as crianças, o que pode prejudicar o processo de enfrentamento do luto para a criança de acordo com Kovács (1992, p. 48): “A morte da mãe, do pai ou de um irmão provoca uma imensa dor, falar dessa morte não significa criar ou aumentar a dor, pelo contrário, pode aliviar a criança e facilitar a elaboração do luto.”

O fenômeno da morte como um todo é um enigma indecifrável, eventos estressantes para adultos e crianças, por esse motivo, muitos pais e cuidadores limitam ao mínimo a troca de informações com seus filhos sobre esse assunto, na intenção de protegê-los, mas na verdade, o ocultamento da verdade não auxilia no processo de luto da criança e sim pode causar transtornos e frustração (KOVÁCS, 1992).

Para Kovács (1992):

O ocultamento da verdade perturba o processo de luto da criança e a sua relação com o adulto. A criança também gostaria de negar a morte, mas quando os fatos contradizem o que lhe informam, fica completamente perturbada e frustrada. A primeira reação diante da perda de uma pessoa amada é a negação, e se o adulto reforça essa atitude, fica difícil passar para as outras fases do luto (KOVÁCS; 1992; p. 49)

É possível compreender, a partir da citação de Kovács (1992), que o silêncio, a negação ou o uso de explicações abstratas da morte podem atrapalhar e confundir o desenvolvimento geral de uma criança, seus pensamentos, ao invés de dar-lhe conforto e

clareza sobre as circunstâncias de sua perda, causam-lhe confusões, além de que, ignorar problemas pode levar a sofrimento emocional, como medo, confusão, ansiedade, estresse, morte e mal-entendidos relacionados a problemas de perda e tristeza.

Para encontrar a melhor forma de esclarecer o que é a morte, precisamos saber em que ponto do desenvolvimento cognitivo e emocional a criança entende que as abordagens não são as mesmas dependendo do estágio de desenvolvimento, portanto, essa observação é importante e argumentos sobre a apropriação do conceito de morte pelas crianças podem ser encontrados a partir dos estágios estabelecidos por Jean Piaget que afirma que no chamado estágio sensório-motor, o conceito de morte está ausente e as crianças percebem a morte como uma ausência ou falta (KOVÁCS, 1992).

Ainda em seu livro, Kovács (1992) afirma que as crianças em pré-operatório associam a morte à imobilidade, mas tendem a ver a morte como um fenômeno temporário e reversível, durante o processo de perda eles entendem o contraste entre vida e morte, e a morte como um processo final e permanente e mesmo que as crianças ainda não consigam explicar completamente as causas da morte, ainda sim são capazes de entender completamente o conceito de morte em termos de sua disfunção, irreversibilidade e inevitabilidade.

Por fim, na fase operacional formal, o conceito de morte torna-se mais abstrato e, por meio de explicações naturais, fisiológicas e teológicas, as crianças aprendem que a morte é inevitável, universal, irreversível e você passará a entendê-la como algo pessoal:

Várias pesquisas foram feitas no sentido de apontar o desenvolvimento do conceito de morte na criança. Uma das pioneiras foi Nagy (in Torres, 1980), que estudou 378 crianças húngaras de 3 a 10 anos, utilizando desenhos e palavras, para verificar como as crianças lidam com o conceito de morte. Na primeira etapa, até os 5 anos, não há noção de morte como definitiva e esta é associada ao sono ou separação, a criança percebe a morte como temporária e gradual, podendo ser reversível. Na segunda etapa, entre os 5 e 9 anos, a autora observou que há uma tendência para personificar a morte, como alguém que vem buscar a pessoa. A morte já é percebida como irreversível, mas não como universal. Na terceira etapa, entre 9-10 anos, a morte é compreendida como cessação de atividades, que ocorre dentro do corpo, e realiza a sua característica de universalidade (KOVÁCS; 1992, p. 51).

Falar sobre a morte com crianças costuma ser um grande desafio para os adultos, no entanto, a autora Kovács (1992) afirma ser possível e essencial estabelecer o diálogo no contexto da morte e do luto para ajudar as crianças a lidar com seus medos e fantasias de morte, tornando mais fácil para elas expressarem suas emoções, e dando apoio para que as crianças processem sua própria dor, e tudo isso feito de forma lúdica, ou compatível a

linguagem da criança: “Neste caso, podem-se usar palavras e experiências que sejam compreendidas pela criança. Não se trata de evitar o tema e sim, de trazê-lo para uma dimensão que possa ser assimilada pela criança, de acordo com o seu nível de desenvolvimento” (KOVÁCS, 1992, p. 52).

2.3. Fases do luto

Segundo Kubler-Ross & Keller (2005 *apud* DE MORAES LIRIO et al, 2022, p. 919-920) o luto contém cinco estágios, sendo eles:

O primeiro estágio é negação, como seu próprio nome diz, retrata a recusa da notícia, a não aceitação do evento ocorrido. O segundo estágio é a raiva, onde ocorre uma projeção da dor do enlutado para um objeto, pessoa, grupo ou figura religiosa. O terceiro estágio é a barganha acompanhada pelo sentimento de culpa, acontece as promessas de que se, por um acaso exista a presença de um Deus, por exemplo, a pessoa fará tudo diferente para ter aquele que morreu de volta, além do sentimento de culpa decorrente da impotência "queria ter feito mais" ou "não estive tão presente como deveria". O quarto estágio refere-se a depressão não patológica, onde o uso da medicalização só deve ser prescrita em casos extremos e sob acompanhamento psicoterapêutico. O último e quinto estágio é a aceitação, havendo a compressão lógica sobre a morte, vivendo e ressignificando sua rotina sem a pessoa que faleceu.

Segundo a psicóloga Gil (2019), em entrevista ao G1, afirma que o luto não é algo ruim, mas sim necessário, acrescenta que é uma etapa que precisamos encarar, compreender e enfrentar, para assim termos a possibilidade de ter uma vida saudável e equilibrada. Pois é através deste equilíbrio que conseguimos encontrar o grande efeito da palavra superação, que denomina como uma ação maior, que implica no presente do significado da palavra esperança tão vivida e sonhada em quem vive o luto.

2.4. Ludoterapia

Como o brincar estimula a criança a se organizar ao longo do tempo, desenvolver habilidades motoras, aprender sobre suas próprias necessidades, pensamentos e estimular a construção de relacionamentos seguros e estimulantes, é um componente fundamental do desenvolvimento infantil. Com esse recurso, as crianças podem criar atividades lúdicas, bolhas em torno de si, onde se sintam seguros, sejam acolhidos por mágicos e realizem suas fantasias. Mas para isso é essencial que ela esteja no ambiente certo para ela. Por isso, é

importante que existam pessoas de todas as idades que reconhecem o brincar e valorizam o processo. Segundo Silva (2020, p. 12):

“A palavra lúdico vem do “latim ludus e significa brincar” (MASSA, 2013, p. 113). Neste brincar estão incluídos os jogos e os brinquedos. Por sua vez, a função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem do indivíduo, seu saber, seu conhecimento e sua compreensão de mundo.”

Com base na literatura infantil existente, a leitura de histórias permite que as crianças se identifiquem com alguns personagens a partir de suas experiências emocionais, e a situação vivida se assemelha a uma história literária. Dessa forma, o contar de histórias ajuda a criança a navegar em situações difíceis em um espaço seguro e pode ser um recurso utilizado por todos aqueles que cuidam de uma criança de uma forma ou de outra (ALENCAR, 2019).

De acordo com Axline (1972), os brinquedos passam a representar simbolicamente um sistema de linguagem que a criança pode ancorar para exteriorizar e renomear a realidade vivenciada. Assim, é importante nestas salas de discussão acolher as questões e os sentimentos das crianças e traduzir as metáforas que possam ser utilizadas.

Ainda segundo Axline (1972), criar um ambiente confortável e seguro para as crianças significa ouvir ativamente e responder às perguntas das crianças, fornecer respostas francas que sejam adequadas à idade e ao desenvolvimento. Ao compartilhar informações abertamente, podemos reduzir a ansiedade, a confusão e os mal-entendidos. Além disso, a utilização do cuidado lúdico no cotidiano enfatiza a humanização, proporcionando uma abordagem holística do cuidado à criança e à família. O lúdico deve ser entendido como um facilitador que pode ser usado de várias maneiras diferentes (AXLINE, 1972).

Conforme Barreto e Rocha (2015), a Ludoterapia é de fundamental importância para o desenvolvimento das informações que tangem a temática morte, principalmente, se houver sua figura principal parental, esse fato deve ser levado com muito significado, pois essas crianças ainda se encontram dependentes física e emocionalmente destes adultos. A ludoterapia consegue acessar esses conflitos e dificuldades que se encontram no íntimo dessas crianças.

2.5. Psicologia do Desenvolvimento

De acordo com Papalia e Feldman (2013), o desenvolvimento humano tem três domínios, sendo eles: físico, cognitivo e psicossocial e todos eles estão ligados. Papalia e Feldman (2013, p. 37) explicam:

Desenvolvimento físico: Crescimento do corpo e do cérebro, incluindo os padrões de mudança nas capacidades sensoriais, habilidades motoras e saúde.
Desenvolvimento cognitivo Padrão de mudança nas habilidades mentais, tais como aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento, raciocínio e criatividade.
Desenvolvimento psicossocial Padrão de mudança nas emoções, personalidade e relações sociais.

Papalia e Feldman (2013) afirmam que algumas diferenças no desenvolvimento do indivíduo podem ser causadas por além das diferenças físicas como gênero, altura, peso, saúde, temperamento, personalidade etc, elas podem ser causadas também pelo ambiente em que vivem: lares, comunidade e sociedade.

Ribeiro (2016) afirma que o desenvolvimento não ocorre apenas na infância, e embora esses estudos sejam recentes, é possível dizer que o desenvolvimento ocorre nas demais fases da vida do ser humano também como na adolescência, fase adulta e velhice.

Embora existam algumas perspectivas diferentes e diferentes processos sobre a teoria do desenvolvimento humano, como citam Papalia e Feldman (2013), não iremos falar de cada uma delas detalhadamente, mas apenas citar para maior esclarecimento sobre existir várias fontes que explicam o desenvolvimento humano:

Cinco grandes perspectivas sustentam boa parte das teorias influentes e da pesquisa sobre desenvolvimento humano: (1) psicanalítica, que se concentra nas emoções e nos impulsos inconscientes; (2) da aprendizagem, que estuda o comportamento observável; (3) cognitiva, que analisa os processos do pensamento; (4) contextual, que enfatiza o impacto do contexto histórico, social e cultural; e (5) evolucionista/sociobiológica, que considera as bases evolucionistas e biológicas do comportamento. (PAPALIA & FELDMAN, 2013, p. 58)

Para Papalia e Feldman (2013), essas influências estão relacionadas as origens da hereditariedade que estão ligadas as características transferidas recebidas dos pais biológicos e espaço externo, ou seja, antes e depois do nascimento.

A partir dessa perspectiva, é relevante pontuar de acordo com as teorias acima, que o campo do desenvolvimento humano desempenha grandes influências em cada etapa de vida, o que torna cada indivíduo singular, respeitando sua subjetividade que é o que faz dela única (PAPALIA & FELDMAN, 2013).

2.6. Fases do desenvolvimento Erik Erikson

De acordo com Bossi, Santos e Ardnas-Bonifacino (2010) Erik Erikson foi responsável por desenvolver a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial na Psicologia, na qual ele tinha como fundamento a interação da pessoa com o meio em que ela convivia. Ele determinou 8 (oito) fases, das quais cada uma delas estavam interligadas diretamente com as etapas de vida do cidadão, na qual iremos ver nos parágrafos seguintes sobre como elas foram descritas e os principais pontos que elas abordavam no desenvolvimento do ser humano, segundo o autor da Teoria (BOSSI, SANTOS, ARDANS-BONIFACINO, 2010).

2.6.1. Confiança básica vs Desconfiança básica

Essa é a fase inicial da vida, nela Erikson (1972, apud BASSI, SANTOS & ARNDNS-BONIFACINO, 2010) definiu que o bebê, que acabou de chegar ao mundo, está disponível a receber qualquer coisa que vem para suprir suas necessidades, e acrescenta que quando ele recebe dos seus provedores acaba gerando uma grande confiança e nesta fase, a sua forma de sentir ser amado é através do leite materno, e tudo aquilo que possa ser ingerido através de sua boca e supre as necessidades básicas do corpo.

2.6.2. Autonomia vs vergonha e dúvida

Segundo Bossi, Santos e Ardans-Bonifacio (2010, p. 3), essa fase é marcada pelo:

Poder que a criança adquire em reter e eliminar se converte no que Erikson chama de uma batalha pela autonomia. No entanto, um treino demasiado rígido ou prematuro acaba privando a criança da sua livre tentativa de controle. Tal fato faz com que a criança necessite se defender e, para isso, ela se utilizará da regressão (um mais primitivo controle oral), ou passará a utilizar as fezes como munição agressiva, tornando-se uma pessoa hostil e perigosa.

Assim, percebemos que a partir dessa fase já ocorre uma formação da identidade da criança, na qual ela começa a desenvolver uma independência de seus provedores, e desejar o que ela quer.

2.6.3. Iniciativa vs culpa

Nessa fase temos uma grande evolução da criança, que de acordo com Erikson (1972 apud BOSSI, SANTOS, ARDANS-BONIFACINO, 2010) consiste em libertar a iniciativa e colaborar com as capacidades da criança para realizar tarefas consideradas adultas.

É uma fase em que a criança detém uma alta capacidade de imaginação, que é gerada pela sua liberdade de locomoção e linguagem (que é bastante aprimorada), isso induz a criança a um patamar de iniciativa, mas também de culpa por as vezes não conseguir realizar

algumas coisas que a sua imaginação cria (BOSSI, SANTOS, ARDANS-BONIFACINO, 2010).

2.6.4. Diligência vs inferioridade

Essa é a fase em que a criança desenvolve o interesse em aprender, é quando ela sai do seu convívio familiar e tem um contato maior com outras pessoas, pais, professores etc. Aqui é que ela começa a praticar o seu esforço em querer ser algo e obter o seu devido reconhecimento, a partir de outros. Mas também, é uma fase em que o oposto (a inferioridade) também pode vir à tona gerando sentimentos na criança de que ela não consegue, de que ela não é capaz, concretizando em seu consciente de que ela “nunca prestará para nada” (ERIKSON, 1972 apud BOSSI, SANTOS, ARDANS-BONIFACINO, 2010, p. 5).

2.6.5. Identidade vs confusão de identidade

Segundo Bossi, Santos e Ardans-Bonifacino (2010) O período de latência ocorre ao fim da puberdade, essa é uma fase extremamente delicada e cheia de incertezas, novas descobertas, junto com a puberdade e a descoberta da sexualidade e da genitália, também conhecida como: adolescência e nessa fase o jovem adolescente tem que lidar com muitas questões, tanto social quanto psíquica e fisiológica, ele percebe que tem que dar conta de tudo de uma vez, todas essas incertezas que o mundo adulto está se abrindo.

Esse é um momento que existe grande preocupação com a sua aparência, o que as outras pessoas pensam ao seu respeito. Erikson (1972 apud BOSSI, SANTOS, ARDANS-BONIFACINO, 2010) destaca que os adolescentes precisam de uma moratória, para que assim possam integrar os elementos das fases precedentes. Os adolescentes estão em busca de identidade, mas só encontram confusão em seu caminho, com tanto para se descobrir e aprender sobre esse mundo novo de possibilidade (BOSSI, SANTOS, ARDANS-BONIFACINO, 2010).

2.6.6. Intimidade vs isolamento

Além da identidade, se descobre a intimidade, que vai além das relações íntimas e sexuais, o indivíduo deseja conexão, amizade, laços para firmar, tanto com amigos, quanto família, esta intimidade é importante para seu desenvolvimento social, pois, sem conseguir desenvolver tamanha façanha, ele pode se encontrar com o isolamento, sem conseguir

compartilhar uma verdadeira intimidade com outras pessoas (BOSSI, SANTOS, ARDANS-BONIFACINO, 2010).

2.6.7. Generatividade vs estagnação

O ser humano tem a necessidade de orientar a sua próxima geração para que a mesma se estabeleça de acordo com Erikson (1972 apud BOSSI, SANTOS, ARDANS-BONIFACINO, 2010), isso tem a ver com o fato de querer dar seguimento a toda uma geração, um legado para não deixá-la morrer, e não apenas com relação a um pai e uma mãe, mas no sentido geral, até mesmo para os sujeitos que não tem filhos, mas desenvolvem esse sentimento. O simples fato de ter filhos, não significa que irá desenvolver a generatividade, já que implica em um desvelo nos cuidados da criança, o que nem todos os sujeitos conseguem desenvolver segundo Bossi, Santos e Ardans-Bonifacino (2010).

2.6.8. Integridade vs desespero

Última fase descrita por Erik Erikson, que retrata o amadurecimento conseguido com o decorrer da vida, com a idade: “é a aceitação pela pessoa do seu único ciclo vital e daqueles que se tornaram significantes para ela como algo que tinha de ser e que, necessariamente, não permite substituição” (ERIKSON, 1972 apud BOSSI, SANTOS, ARDANS-BONIFACINO, 2010, p.7). Ela vive a integridade em sua máxima, lida com as escolhas que fez durante a vida, com os desapontamentos, decepções, mas também com suas alegrias. No final da vida, segundo Erikson, o sujeito lida novamente com uma crise de identidade que também pode ser expressa como o: “eu sou o que sobrevive de mim” (BOSSI, SANTOS, ARDANS-BONIFACINO, 2010, p.7).

3. METODOLOGIA

Para compreensão do que é método, CIRIBELE (2003 apud PRAÇA, 2015, p. 74) cita: “Método científico pode ser definido como um conjunto de etapas e instrumentos pelo qual o pesquisador científico, direciona seu projeto de trabalho com critérios de caráter científico para alcançar dados que suportam ou não sua teoria inicial.”

Para este estudo, foi realizada uma pesquisa teórica seguida de uma pesquisa de campo, com a intenção de validar os estudos encontrados. Através dessas buscas, foram encontrados inúmeros artigos, dos quais foram selecionados 27 para serem usados, na introdução, referencial teórico, metodologia e na articulação de dados A pesquisa de campo

foi realizada de forma virtual por meio de uma entrevista semiestruturada utilizando como instrumento a plataforma *Google Form* onde foi produzido um formulário contendo sete questões.

O formulário foi compartilhado em redes sociais com o intuito de atingir e englobar um público geral onde os dados brutos se transformam em dados estatísticos para serem tabulados. Um total de cento e vinte e três pessoas responderam individualmente o questionário que foi aberto ao público.

A ciência se baseia em pesquisa científica, feita com técnica que traz a segurança no resultado, mas em cada área específica utilizam-se métodos específicos para corroborar o resultado, devido a diversidade existente no ser humano deve-se buscar a melhor forma de levantar os dados necessários do objeto de pesquisa. Assim, existem diversas pesquisas, conforme Antônio J. Severino (2014, p. 102) no livro *Metodologia do Trabalho Científico*: “a ciência se constitui aplicando técnicas, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos”.

O método utilizado neste trabalho é tanto qualitativo quanto quantitativo, sua coleta foi feita através do levantamento de dados numéricos, dados estes que são analisados através de fórmulas matemáticas, como: porcentagem, probabilidade, estatística e equações.

Sobre o método quantitativo e qualitativo, Dalfovo, Lana e Silveira (2008, p. 6-7) explicam:

- a) a pesquisa quantitativa pelo uso da quantificação, tanto na coleta quanto no tratamento das informações, utilizando-se técnicas estatísticas, objetivando resultados que evitem possíveis distorções de análise e interpretação, possibilitando uma maior margem de segurança;
- b) a pesquisa qualitativa, por sua vez, descreve a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuir no processo de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos (DALFOVO, LANA, SILVEIRA, 2008, p. 6-7).

Com o recurso das pesquisas quantitativas e qualitativas, foi possível fazer uma entrega de dados numéricos e descritos de forma clara com as respostas fornecidas pelos entrevistados. O formulário continha as seguintes perguntas, sendo que seis eram perguntas objetivas, e apenas a pergunta número sete foi aberta a respostas discursivas.

- 1) A partir de qual idade você acredita que a criança começa a ter entendimento sobre a elaboração do luto?
- 2) De que forma você informaria este óbito para a criança?
- 3) Você pressupõe que a criança tem capacidade de lidar com a morte de um ente querido?
- 4) Você acredita que um luto mal elaborado pode interferir no desenvolvimento da criança?
- 5) Você acha importante ter um acompanhamento psicológico no processo de elaboração do luto infantil?
- 6) Em sua infância você enfrentou o luto de um ente querido?
- 7) Se sim, você foi informado?

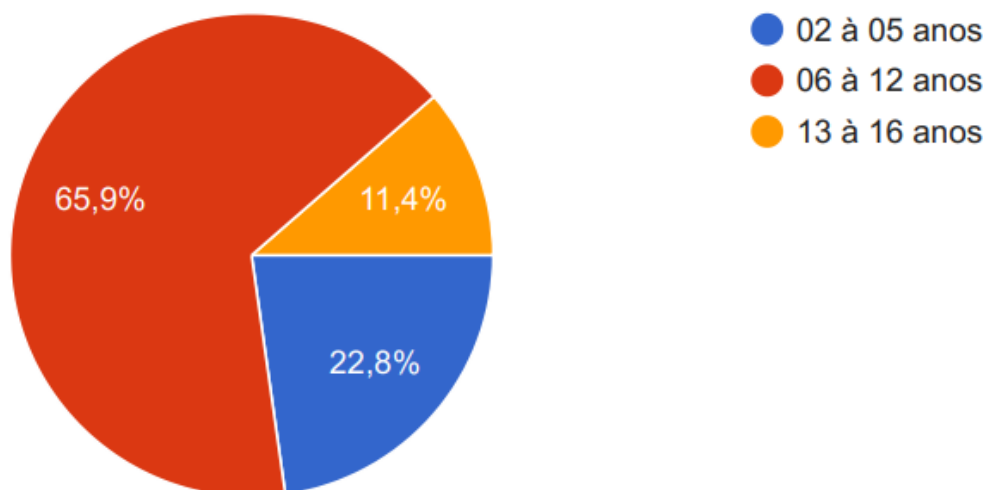
A presente pesquisa teve finalidade exclusivamente acadêmica e de cumprimento às exigências para produção e aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso. Ressaltamos que a atual pesquisa não foi submetida ao comitê de ética por inviabilidade de tempo até sua aprovação, bem como por demandas e implicações institucionais presentes na FacUnicamps. Apesar disso, realizamos a pesquisa prezando pelo rigor científico e pela redução de risco aos participantes que responderam o formulário virtual.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta pesquisa quantitativa, o objetivo principal é validar hipóteses. Para isso, foi empregado um questionário contendo diversas perguntas relacionadas à temática específica do estudo.

Com base nas questões abaixo, conseguimos um retorno significativo, tendo 123 pessoas dispostas a contribuir com suas respostas para a pesquisa, o que nos permitiu obter resultados precisos e confiáveis. Esses resultados serão apresentados no próximo tópico da pesquisa. É importante lembrar que a qualidade das respostas depende da clareza das questões formuladas e do método de coleta de dados utilizado.

Gráfico 01 – A partir de qual idade você acredita que a criança começa a ter entendimento sobre a elaboração do luto?



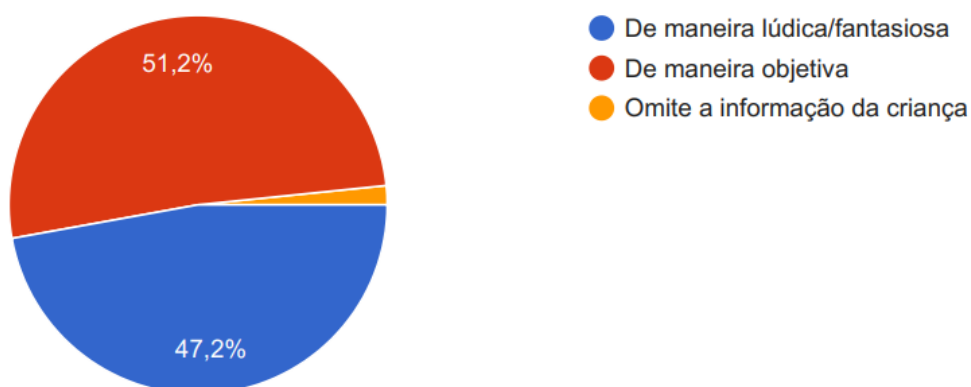
Fonte: Alunas (2023).

Pode-se constatar na pergunta número 1 (um) que de 123 (cento e vinte e três) pessoas, 81 (oitenta e um), ou seja, 65% (sessenta e cinco por cento) das pessoas que responderam, acreditam que a criança passa a ter entendimento sobre a elaboração do luto a partir dos 06 (seis) anos de idade até os 12 (doze) anos, 22,8% (vinte e dois, oito por cento), 28 (vinte e oito) delas acreditam que o processo de entendimento se dá a partir dos 02 (dois) aos 05 (cinco) anos e 11,4% (onze, quatro por cento), 14 (quatorze) delas, acreditam que somente dos 13 (treze) aos 16 (dezesesseis) anos as crianças entendem o processo de luto. Segundo Domingos e Maluf (2003) a criança é capaz de perceber o que acontece a sua volta, mesmo que não consigam se expressar verbalmente devido a sua fase de desenvolvimento cognitivo. Ou seja, a compreensão da morte está lado a lado com o desenvolvimento cognitivo da criança, por isso a compreensão do que está acontecendo fica mais clara conforme a idade.

Conforme o resultado da pesquisa na porcentagem citada acima, as respostas vão de encontro ao resultado esperado, pois a partir dos 06 (seis) anos a criança consegue compreender a morte como algo definitivo e inevitável, porém, pode apresentar dificuldades em expressar os seus sentimentos assim como pode começar também a questionar as crenças da sua família em relação a este tema.

É importante ressaltar a terapia familiar nesse contexto, pois a partir disso é possível que os recursos próprios saudáveis possam ser despertados e utilizados nesse difícil enfrentamento da criança para com o luto.

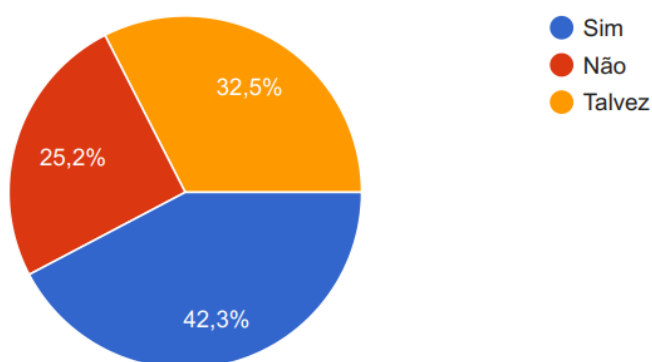
Gráfico 2 – De que forma você informaria este óbito para a criança?



Fonte: Alunas (2023).

Na questão número 2 (dois), 51,2% (cinquenta e um, dois por cento), 63 (sessenta e três) pessoas, responderam que informariam de forma objetiva, 47,2% (quarenta e sete, dois por cento), 58 (cinquenta e oito) pessoas informariam de maneira lúdica/fantasiosa e 1,6% (um, seis por cento), 2 (duas) pessoas, omitiriam a informação da criança, segundo Yamaura e Veronez (2016) a melhor forma de comunicar o óbito a uma criança é por meio de uma abordagem clara e objetiva, levando em consideração sua idade e estágio cognitivo e é essencial que o adulto esteja aberto e disponível para responder a todas as perguntas e dúvidas que a criança possa ter.

Gráfico 3 – Você pressupõe que a criança tem capacidade de lidar com a morte de um ente querido?

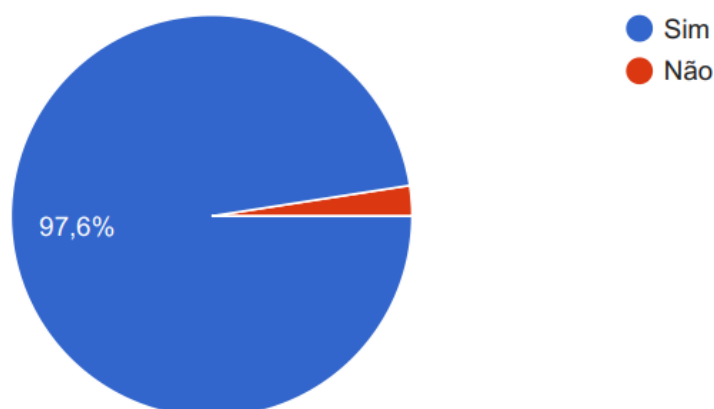


Fonte: Alunas (2023).

Na questão número 3 (três) foram divididas as respostas em 3 (três) opções diretas; sim, não e talvez, houve um certo equilíbrio nas respostas dos participantes, 42,3% (quarenta e dois, três por cento), 52 (cinquenta e duas) pessoas, acreditam que a criança dispõe de

capacidades para lidar com a morte, 32,5% (trinta e dois, cinco por cento), 40 (quarenta) pessoas, acreditam que talvez a criança tenha como superar o luto e 25,2% (vinte e cinco, dois por cento), 31 (trinta e uma) pessoas, acreditam que a criança não é capaz de lidar com a morte de um ente querido. Esconder da criança a morte não contribui ou evita o sofrimento do processo e pode distorcer a realidade para ela. O resultado da questão confirma o que Ramos (2016) fala em sua pesquisa que é importante ressaltar que ocultar a morte da criança não contribui para evitar o sofrimento do processo e pode distorcer a realidade para ela. Esses resultados corroboram as descobertas da pesquisa realizada que destaca a importância de permitir que crianças e adolescentes vivenciem o evento, evitando evitar o assunto ou excluí-los do processo, inclusive permitindo que participem do ritual fúnebre.

Gráfico 4 – Você acredita que um luto mal elaborado pode interferir no desenvolvimento da criança?



Fonte: Alunas (2023).

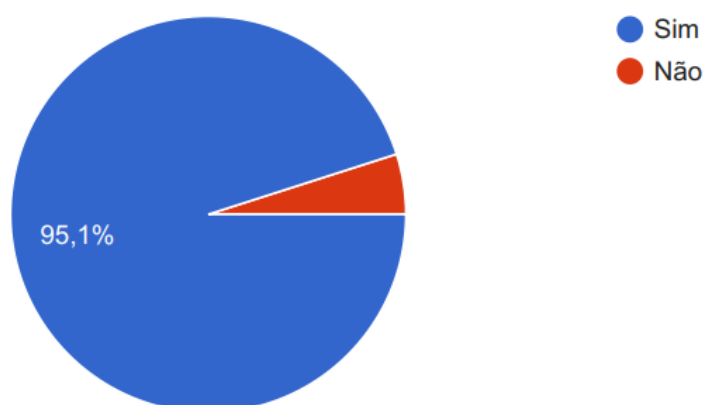
Na questão número 4 (quatro), de acordo com a pesquisa, 120 (cento e vinte) pessoas, ou seja, 97,6% (noventa e sete, seis por cento) dentre os pesquisados afirmaram que a criança com um luto mal elaborado pode sim interferir em seu desenvolvimento. Apenas 2,4%, (dois, quatro por cento), ou seja, 3 (três) pessoas, votaram na opção negativa. Segundo Oliveira (2001 *apud* GOMES & GONÇALVES, 2015) um processo de luto mal elaborado, pode desencadear uma série de patologias e se manifestar de inúmeras formas, tais como melancolia ou estagnação do desenvolvimento.

Esses dados estão em consonância com as considerações de Oliveira (2001 *apud* GOMES & GONÇALVES, 2015), que destacam a importância de um processo de luto bem elaborado para o desenvolvimento saudável da criança. Segundo os autores, quando o luto não

é adequadamente elaborado, podem surgir diversas manifestações patológicas, como a melancolia e a estagnação do desenvolvimento.

É essencial compreender que o luto é um processo individual e complexo, e seu impacto na criança pode variar de acordo com sua idade, personalidade e recursos de enfrentamento. Portanto, a atenção aos sinais de luto mal elaborado e a busca por intervenções adequadas se tornam fundamentais para minimizar possíveis consequências negativas e promover um desenvolvimento saudável durante esse período desafiador.

Gráfico 5 – Você acha importante ter um acompanhamento psicológico no processo de elaboração do luto infantil?



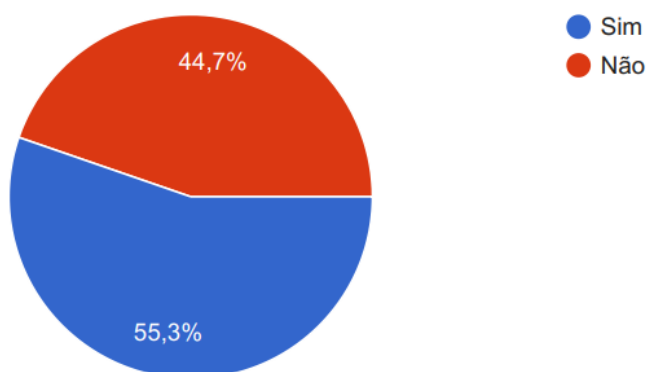
Fonte: Alunas (2023).

Essa alta porcentagem de respostas positivas está em consonância com os parâmetros esperados, uma vez que o acompanhamento psicológico tem como objetivo principal restaurar o equilíbrio emocional, reestruturar a vivência da perda e proporcionar à criança um novo significado para sua experiência, permitindo que sentimentos positivos, encobertos pela dor, angústia e medo venham à tona.

De acordo com Camps (2022), o luto da criança e o luto do adulto são diferentes, e normalmente a criança não vai assimilar alguns aspectos da situação, por essa razão a criança necessita de um adulto ao seu lado para tirar suas dúvidas e acompanhar esse momento, e participar do momento fúnebre pode ajudar a concretizar a perda e elaborar melhor o luto. Além disso, Camps (2022) também diz que o processo da clínica com a criança é importante, pois oferece acolhimento acerca de sua situação e lhe permite expressar seus sentimentos. Sobre o acolhimento terapêutico:

O acolhimento terapêutico, busca, então, favorecer um ambiente para que a criança entre em contato com as dúvidas, questionamentos e emoções suscitados em resposta à perda, bem como para que possa constituir recursos suportivos, favorecendo seu processo de autorregulação e ampliando seus recursos de enfrentamento (CAMPS, 2022, p. 48-49).

Gráfico 6 – Em sua infância você enfrentou o luto de um ente querido?



Fonte: Alunas (2023).

Na questão número 6 (seis), 68 (sessenta e oito) pessoas responderam que sofreram o luto de um ente querido na infância, o que corresponde aos 55,3% (cinquenta e cinco, três por cento) dos entrevistados. Já 55 (cinquenta e cinco) pessoas, sendo 44,7% (quarenta e quatro, sete por cento) dos entrevistados responderam que não enfrentaram o luto de um ente querido na infância.

Segundo Klinger, Miranda e Oliveira (2021), a vivência do luto na infância pode ter um impacto significativo no desenvolvimento psicológico e emocional da criança. A perda de um ente querido nessa fase pode desencadear uma série de emoções complexas e desafios no processo de adaptação. Estudos têm demonstrado que o silêncio, negação ou explicações abstratas podem atrapalhar e confundir o desenvolvimento da criança, e ainda causar ansiedade, medo e sofrimento emocional (KOVÁCS, 1992).

Além disso, a pesquisa de Camps (2022) destaca a importância de se ter a presença de um adulto para acompanhar o momento e ajudar na elaboração do luto. A presença de redes de apoio, como familiares, amigos e profissionais de saúde, desempenha um papel fundamental no auxílio da criança na compreensão da perda, na expressão de emoções e na construção de um significado pessoal para a experiência.

Gráfico 7 – Se sim, você foi informado?



Fonte: Alunas (2023).

Concluindo com a pergunta número 7 (sete), 55,8% (cinquenta e cinco, oito por cento), ou seja, 48 (quarenta e oito) pessoas responderam que foram informadas de maneira objetiva, 17,4% (dezessete, quatro por cento), 14 (quatorze) delas, souberam de forma lúdica/fantasiosa, 9,3% (noventa e três, três por cento), 8 (oito) destas tiveram a informação omitida, 14,4% (quatorze, quatro por cento), 12 (doze) delas, não passaram ou não vivenciaram o luto, 3,6% (três, seis por cento), dentre as respostas que tivemos, citaremos 3 (três) respostas em que as pessoas descreveram detalhadamente como obtiveram essa informação.

Primeira resposta: "Me levaram para o enterro do meu pai sem me dizer absolutamente nada. E eu não entendia o que era morrer."

Segunda resposta: "Me explicaram que eu não veria mais a pessoa, já que ela tinha falecido, mas nunca conseguiram explicar o "porquê", e sempre diziam que ela estava dormindo ou que tinha ido morar com os anjos e virado uma estrela."

Terceira resposta: "choque elétrico, morreu na minha frente, parada cardíaca."

É possível constatar, a partir dos dados apresentados, que um número significativo de participantes (123) recebeu a informação do falecimento de um ente querido de forma lúdica. Essa abordagem pode levantar questionamentos sobre a consideração da capacidade de entendimento da criança em relação a essa situação.

De acordo com a literatura especializada, a comunicação do falecimento de um ente querido para a criança requer sensibilidade e adequação ao seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Segundo Piaget (1964), é fundamental que os adultos sejam conscientes das fases do desenvolvimento da criança, adaptando a linguagem e o conteúdo da informação de acordo com a sua capacidade de compreensão.

Além disso, Kovács (1992) enfatiza a importância da presença de um adulto para melhor compreensão do luto e é essencial que os responsáveis e adultos envolvidos considerem a idade, o nível de compreensão e o contexto emocional da criança ao comunicar o falecimento de um ente querido, optando por uma abordagem que seja clara, respeitosa e adaptada ao seu estágio de desenvolvimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada teve como objetivo questionar a forma com que o luto é comunicado e vivenciado pela criança, qual seria a melhor maneira de administrar essa informação e como a criança elabora o processo de luto. Quando a comunicação é feita de forma objetiva, porém, incluindo a ludoterapia nesse processo, a fim de auxiliar o entendimento dessa criança para a assimilação e entendimento dela de maneira menos agressiva e se possível, incluindo o brincar como parte desse processo, principalmente levando em consideração sua idade, cognição e desenvolvimento. Incluindo a criança como parte integrante do grupo familiar, contribui para que a mesma passe por esse processo de maneira mais saudável.

O resultado da pesquisa vai ao encontro de teorias sustentadas pelos principais autores utilizados nesse trabalho, em que confirmam que o ideal é comunicar de forma objetiva, clara e acolhedora os temas relacionados ao luto.

É possível afirmar, através dos dados apresentados, que dos cento e vinte e três participantes, 65,9% acreditam que crianças de 06 à 12 anos conseguem compreender o luto nesta idade e, segundo Domingos e Maluf (2004) a criança já consegue perceber a morte e

consegue captar rapidamente o que está acontecendo ao seu redor, e 51,2% das respostas apontaram que a melhor forma dessa informação ocorrer é de maneira clara e objetiva; algo que vem de encontro com o que Yamuaura e Veronez (2016), 97,6% dos pesquisados acreditam que um luto mal elaborado pode influenciar o desenvolvimento da criança, inclusive pode desencadeando uma série de patologias e outras inúmeras formas, como: melancolia, segundo Oliveira (2001 *apud* GOMES & GONÇALVES, 2015).

O adulto deve apresentar à morte a criança de modo que não haja ambiguidade, contradições, evitando metáforas, deixando de forma clara e sucinta a real situação. É importante que esse assunto tão evitado pelos adultos para com as crianças seja debatido, esta é uma temática relevante, pois há uma contribuição para que mesmo passando por um processo de luto e não tendo o entendimento do adulto, a criança desenvolva métodos para lidar de forma que traga menos prejuízos para a sua vida futura, diminua traumas, haja a construção de crenças adaptativas e com isso a perda não tenha tanto impacto na vida diária desse ser.

Assim, a criança que passa pelo processo do luto pode elaborar de forma clara e com o apoio de seu responsável a situação vivenciada, trazendo como exemplo futuro em um dado momento em que será ele o adulto que irá apresentar a morte a uma criança. A pesquisa confirma a importância de uma criança em processo de luto ter um acompanhamento psicológico para ajudá-la a lidar com a situação, o que pode trazer a compreensão de que até mesmo adultos que estão em constante desenvolvimento podem ter dificuldades em elaborar situações assim, quanto mais uma criança que não se desenvolveu como um ser maduro.

6. REFERÊNCIAS

ACIOLE, Giovanni Gurgel; BERGAMO, Daniela Carvalho. **Cuidado à família enlutada: uma ação pública necessária.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/Tkww7QgrTqbHqySsxw8hJZf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2022.

AITA, Karla Maria Siqueira Coelho. SOUZA, Airle Miranda. **Cenas sobre a morte, reveladas pela criança cardiopata, por abrir o coração.** Belém: UEPA, 2016.

ALENCAR, Natani Pereira de. **A contação de histórias como prática humanizadora da assistência durante a hospitalização infantil: revisão integrativa.** Cazajeiros: UFCG – Universidade Federal de Campina Grande, 2019.

AXLINE, Virginia Mae. **Ludoterapia a dinâmica interior da criança**. Minas Gerais: Editora do Professor, 1972.

BARRETO, Jorgiana Baú Mena; ROCHA, Marilise Vanusa. A ludoterapia no processo do luto infantil: Um estudo de caso. **Pesquisa em Psicologia-anais eletrônicos**, 2015.

BERTOLINI, Rosemari Stein; COLOVINI, Cristian Ericksson. **LUDOTERAPIA – Centrada na Criança**. Disponível em: <https://s17029d3866931cca.jimcontent.com/download/version/1409435515/module/8878856669/name/Ludoterapia%20Centrada%20na%20Crian%C3%A7a.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2022.

BOSSI, Tatiele Jacques. SANTOS, Anelise Schaurich dos. ARDANS- BONIFACINO, Héctor Omar. **O Ciclo vital segundo Erik Erikson e a Constituição da Identidade: Experiência com um grupo de adolescentes**. Santa Maria, UFSM, 2010.

CAMPS, Patricia Barrachina. **Um olhar da Gestalt-terapia para o luto da criança: uma revisão integrativa de literatura**. São Paulo: USP – Universidade de São Paulo, 2022.

DALFOVO, Michael Samir. LANA, Rogério Adilson. SILVEIRA, Amélia. Métodos Quantitativos e Qualitativos: Um resgate teórico. Blumenau: **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, v. 1, n. 4, 2008.

DE MORAES LÍRIO, Erica et al. o acolhimento dos estágios do luto na psicoterapia. **ANAIS DA MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO CESUCA-ISSN 2317-5915**, n. 16, p. 917-925, 2022.

DOMINGOS, Basílio; MALUF, Maria Regina. Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, p. 577-589, 2003.

GIL, Nayara Milhorança. **Psicóloga revela fases do luto e como ele pode ser superado aos poucos**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/especial-publicitario/interplan-assistencia-funeral/interplan-ao-seu-lado-em-todos-os-momentos/noticia/2019/09/03/psicologa-revela-fases-do-luto-e-como-ele-pode-ser-superado-aos-poucos.ghtml>. Acesso em 07 jun. 2022.

GOMES, Lauren Beltrão; GONÇALVES, Jadete Rodrigues. **Processo de luto: a importância do diagnóstico diferencial na prática clínica**. Florianópolis: UFSC, 2015.

KLINGER, Ellen Fernanda. MIRANDA, Fábio Jesus. OLIVEIRA, Daniela Ponciano. O luto na infância: uma revisão sistêmica. Vol. 11, **International Journal of Development Research**, 2021.

KÓVACS, Maria Júlia. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MENDLOWICZ, Eliane. **O luto e seus destinos.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/v8QBzBP6WNwrvGCLPg9fBwc/?lang=pt#>. Acesso em: 07 jun. 2022.

OLIVEIRA, Tereza Marques de. **O Psicanalista Diante da Morte.** São Paulo: Mackenzie, 2001.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança.** 3. ed. Neuchâtel/Suíça: Editions Delachaux et Niestlé, 1964.

PAPALIA, Diane E.. FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano.** 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. Metodologia da Pesquisa Científica: Organização Estrutural e os Desafios para Redigir o Trabalho de Conclusão. 1. ed. **Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos”** (ISSN: 0486-6266).

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. **O processo de luto.** Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2022

RIBEIRO, Maisa Elena. **Psicologia do desenvolvimento.** Londrina: Educacional, 2016.

SANTOS, Jhennifer Lima Figueira. MUNER, Luana Comito. **Luto: os aspectos psicológicos da criança na segunda infância em seu processo.** Disponível em: <http://cathedral.ojs.galoa.com.br/index.php/cathedral/article/view/246> Acesso em: 27 maio 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Wilma Vieira. **Desafios e possibilidades da ludicidade na educação infantil.** Guarabira: Universidade Estadual da Paraíba, 2020.

YAMAURA, Luciana Parisi Martins; VERONEZ, Fulvia de Souza. Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção. **Psicol. hosp.** (São Paulo), São Paulo, v. 14, n. 1, p. 78-93, jan. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092016000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 jun. 2022.

Apêndice A

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

Eu, fernanda lomello kaine silva RA 45742

Declaro, com o aval de todos os componentes do grupo a:

AUTORIZAÇÃO

NÃO AUTORIZAÇÃO

Da submissão e eventual publicação na íntegra e/ou em partes no Repositório Institucional da Faculdade Unida de Campinas – FACUNICAMPS e da Revista Científica da FacUnicamps, do artigo intitulado: brincos que passaram pelo processo de luto:

Um estudo a partir da psicologia do desenvolvimento

de autoria única e exclusivamente dos participantes do grupo constado em Ata com supervisão e orientação do (a) Prof. (a): Wanderlan Barreto

Curso: Psicologia Modalidade afim TCC

O presente artigo apresenta dados válidos e exclui-se de plágio.

fernanda lomello kaine silva
Assinatura do representante do grupo

Wanderlan Barreto
Assinatura do Orientador (a):

Goiânia, 01 de 08 de 2023.